

Entrevista

Entrevista com Terry Shinn*

Bruna Gisi
Carla Bernava
Eduardo Vilar Bonaldi
*Rogério Jerônimo Barbosa***

Eduardo V. Bonaldi: Primeiro, professor, gostaríamos de agradecê-lo pela delicadeza de nos receber. Pensamos essa entrevista como complemento àquela que o senhor concedeu ao professor Pablo Mariconda no ano passado¹. Assim, elaboramos as questões tendo isso em vista. Professor, observando sua carreira, pode-se dizer que o senhor realizou duas transições relevantes: da física para as humanidades e do contexto cultural e acadêmico americano para o francês. O que o motivou essas duas transições?

Terry Shinn: Sair dos Estados Unidos e ir para a França foi motivado por dois fatores.

O contexto da mudança foi o período da guerra do Vietnã. Eu atuava moderadamente contra a guerra e estava descontente com a política, o comportamento e a cultura norte-americana da época em geral. Esse era o lado negativo. Em relação ao lado positivo, eu estava extremamente interessado nos acontecimentos de 1968, nas atividades dos sindicatos e, suponho, na intensidade do debate intelectual e na diversidade de discursos na França durante essa época. Para explorar isso, me mudei temporariamente para a França. Achei extremamente estimulante e, em consequência, meu doutorado concentrou-se na história francesa, particularmente relacionada à ciência e tecnologia. Já a minha mudança da física para a história foi motivada por duas forças. Antes de mais nada, eu achava que minhas capacidades matemáticas eram bem limitadas e não sentia que teria o sucesso na física que eu gostaria de ter na academia em geral. Isso pode ter sido uma avaliação infeliz, porque, mais tarde,

* Realizada em 5 de novembro de 2008 no Departamento de Sociologia da FFLCH-USP especialmente para este volume.

** Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP e membros da Comissão Editorial da *Plural*. Tradução de Paulo Cunha e Flavia Brites. Revisão técnica de Bruna Gisi e Carla Bernava.

¹ MARICONDA, Pablo Rubén. Entrevista com Terry Shinn. *Scientiae Studia – Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência*, vol. 6, n. 1, jan.-mar. 2008, pp. 139-150.

nos anos 1980, retornei à universidade na França e, mesmo empregado como sociólogo na época, continuei e completei um mestrado em física; descobri que, embora a matemática seja absolutamente essencial, na verdade é uma ferramenta. Se por um lado, dominando essa ferramenta é possível ir longe na física, por outro, eu estava mais interessado em física experimental do que teórica. Enfim, a razão para abandonar a física foi inicialmente o descontentamento com meu nível de desempenho matemático e meu antigo e longo interesse nas coisas históricas e sociológicas. Por isso, passei da física para a história e, profissionalmente, para a sociologia.

Eduardo V. Bonaldi: Como a academia e o ambiente cultural franceses influenciaram o desenvolvimento do seu trabalho e seus interesses intelectuais?

Terry Shinn: No final da década de 1960 e começo dos anos 1970, houve um movimento muito forte em direção à sociologia da educação e esse interesse, essa motivação, particularmente expressa no trabalho de Pierre Bourdieu, mas também em Raymond Boudon, coincidiu com meu interesse na relação entre o conteúdo da educação científica, de um lado, e sua conexão com as ambições, a trajetória e o poder de classe, por outro. Por isso, a França era o contexto perfeito para meu trabalho, pois pessoas como Bourdieu conectaram educação à cultura, classe à poder. Por exemplo, minha dissertação trata da história da École Polytechnique. Cada segmento do sistema educacional na França no século XIX, e ainda pelo século XX e XXI, é caracterizado por um determinado sistema de solução de problemas –solução esta que está vinculada

às estratégias epistemológicas. É possível ver que ao mesmo tempo em que cada seção do sistema educacional seleciona, recruta à partir de diferentes partes da sociedade (podemos dizer que há uma conexão entre recrutamento e classe), as pessoas aprendem – ou se socializam durante a educação – a adotarem e a usarem essas epistemologias para solucionar problemas e, subsequentemente, as epistemologias são usadas após a graduação na carreira. Portanto, há uma forte ligação entre classes sociais, origem social, seleção, adoção e utilização de certos sistemas de raciocínio e a carreira. E então, encontramos carreiras que tendem a restringir nossas escolhas de percepção de mundo e solução de problemas, segundo a epistemologia que caracteriza segmentos diferentes do sistema educacional. Isso era (e continua a ser) particularmente interessante para mim. Tudo isso caracterizava a França na época, definindo parte importante da vida intelectual francesa, e por isso satisfazia muitíssimo meus interesses particulares.

Eduardo V. Bonaldi: O problema de como articular estrutura e agência, objetivismo e subjetivismo, sempre foi um dos dilemas clássicos da sociologia. O senhor poderia nos contar um pouco sobre como o senhor lida com esse dilema nas suas pesquisas sobre a nanociência e nanotecnologia?

Terry Shinn: Meu foco na atividade social desenvolve-se ao redor da ação. Entendo que a ação é a melhor ferramenta para compreender as relações sociais e, por conseguinte, minha abordagem tende em favor da agência. Por isso, a orientação subjetivista é relativamente marginal no meu trabalho e, de fato, eu intencionalmente tento evitá-la nas minhas pesquisas. Faço

isso porque acho que ela tende a distorcer ou, no mínimo, tem um forte potencial de distorção dos meus resultados. Por isso, minha orientação é mais bourdiana e centra-se na agência.

Eduardo V. Bonaldi: Bem, já que mencionou Bourdieu, como sua abordagem difere da dele? Notamos uma importante influência dele em seu trabalho, mas como se diferem?

Terry Shinn: Bem, eu diria que meu trabalho é uma continuidade crítica do trabalho de Bourdieu e difere em um aspecto muito, muito importante. Como se sabe, Bourdieu concentra-se no campo, e o conceito de campo é estruturado ao redor das questões de acumulação de capital, sendo fortemente estruturado pela problemática da competição por capital dentro do campo. Bourdieu dá pouca, quase nenhuma, atenção às questões das relações entre campos. Essa é uma ausência e também uma inadequação crônica no seu trabalho. E é uma questão que ele levanta, perto do fim de sua carreira, e sobre a qual ele reflete especialmente durante sua última série de palestras no Collège de France, pouco antes de sua aposentadoria e de seu falecimento. Mas ele nunca realmente abordou o problema das relações entre campos, por isso não há abertura para a transversalidade em seu trabalho. E eu acho absolutamente essencial compreender sociologicamente as relações entre campos. Isso significa dizer que estou interessado não nas dinâmicas intracampo, mas nas dinâmicas transcampo – e isso está ausente em seu trabalho. Portanto, procuro não uma dinâmica da competição intracampo, mas, ao contrário, procuro os mecanismos de circulação transversais, em

termos das formas de cooperação e sinergia, o que contrasta fortemente com Bourdieu. Eu não rejeito de forma alguma a ideia de campo. Uso a ideia de campo e tento rearticulá-la em termos, por exemplo, de regimes, ou referentes, mas meu foco não é na dinâmica interna e sim nas suas interações transversais. Por isso, uso as ideias de Bourdieu de competição interna, de acumulação de diferentes formas de capital: capital burocrático, capital intelectual etc.. Mas estou interessado no uso desse capital para além das fronteiras do campo, não dentro do campo. Seu trabalho tende a aceitar fortemente a noção de campos fechados e eu estou interessado em como as pessoas olham além dessas fronteiras; o que acontece quando se cruza as fronteiras e como os campos são impactados quando as pessoas as cruzam.

Rogério J. Barbosa: Professor, nas suas pesquisas sobre o mundo nano, o senhor identificou a multiplicação de especialidades e fronteiras, as quais, entretanto, ainda se comunicam, em certa medida, por processos de sinergia, circulação e o entrelaçamento de referente e territórios. Na sociologia vemos também um dramático aumento de sub-áreas. Nesse contexto, é possível falar de unidade na nossa disciplina? Ou, o que podemos dizer sobre as condições de mudança e comunicação intelectual entre essas áreas?

Terry Shinn: Certo. Há dois problemas: Um dos principais problemas com toda a abordagem da circulação, sinergia e cruzamento de fronteiras é que, atualmente, temos uma compreensão escassa destas dinâmicas. Se observarmos, veremos que a maioria da literatura nesse campo, sobre

esse assunto, está associada à questões de gerenciamento. E a qualidade dos trabalhos, em minha opinião, está longe de ser adequada. Então, antes de tudo, acho que temos muito trabalho pela frente, em termos de compreender as diferentes formas de circulação e desenvolver um vocabulário adequado em relação à circulação e à sinergia. Depois, o segundo problema é tentar compreender em quais áreas a circulação e a sinergia surgem, ou são bloqueadas, e as condições culturais mais gerais que afetam a frequência ou a escassez da circulação e da sinergia. Eu acho que todo o domínio da circulação e da sinergia é importante, particularmente para a autocompreensão da pesquisa. Uma compreensão reflexiva do que nós, como sociólogos, estamos tentando fazer e como o fazemos, porque nas duas ou três últimas décadas, por exemplo, houve uma quantidade enorme de discursos sobre o desenvolvimento de novos domínios do conhecimento na forma de disciplinas ou áreas de especialidade e relações entre áreas específicas. E as pessoas, ou ao menos algumas pessoas, tentaram entender as transformações no conhecimento e a conexão entre conhecimentos em termos de multidisciplinaridade ou interdisciplinaridade. Houve uma busca geral para compreender como diferentes partes do conhecimento se combinam, recombina, deixam de se combinar etc. Muitas soluções ou muito da discussão sobre a solução desse tipo de problema foi enterrada e acho isso inadequado, inapropriado. Se se olhar seriamente a experiência de como os acadêmicos transmitem conhecimento e cooperam, pode-se ver que não é em termos da constituição de áreas híbridas. Há algumas exceções, mas, ao invés disso, é em termos de

formas de circulação e sinergia, em que as pessoas se movem por espaços intersticiais, ou cooperam, permanecem desprendidas das suas disciplinas-mães e então retiram-se desses espaços intersticiais, voltando às suas próprias disciplinas – ou talvez entrem em outro. Talvez estejamos criando outro espaço intersticial. Mas o problema é mais geral do que isso: acho que com a complexificação, com o aumento e a aceleração da complexificação da sociedade e da cultura, tornou-se necessário, tornou-se imperativo que o conhecimento e a coordenação cresçam. Essa necessidade de cooperação e coordenação requer ultrapassar fronteiras e um mecanismo particularmente importante para se cruzar fronteiras é a circulação. Onde pessoas ultrapassam uma fronteira, se comunicam, cooperam com pessoas de outros domínios e, então, voltam, se engajam na transposição reversa da fronteira, retornando aos seus próprios referentes originais e seguem adiante... ou podem permanecer por um período em outro domínio antes de retornar a seu referente-base (que na academia é a disciplina e em outras áreas da atividade social pode ser uma profissão, uma função, uma burocracia). Todo esse tema da circulação, sinergia, transposição de fronteiras, intersticialidade, eu acho fundamental para a evolução da sociologia como disciplina e absolutamente essencial para uma compreensão mais dinâmica e completa da cultura contemporânea. E também creio que, infelizmente, não foi suficientemente estudado pelos sociólogos. Acho que a sociologia, atada à tradição modernista de ver o mundo, foi cegada por sua adesão às percepções fortemente diferenciadas de sociedade. E creio que o pós-moderno foi cegado por seu insucesso

em ver que as fronteiras existem, mas podem ser revertidas, e são revertidas por meio da sinergia e da circulação de indivíduos.

Carla Bernava: Professor, desse modo, considerando o crescimento das ciências sociais aplicadas e da sociologia “solucionadora de problemas”, se podemos chamá-la assim, que tipo de entrelaçamento poderia explicar a influência das demandas sociais e políticas nas pesquisas sociais?

Terry Shinn: Há, claro, uma tendência geral, cultural, desde a Segunda Guerra Mundial, e particularmente desde os anos 1970, dos acadêmicos se envolverem cada vez mais nas coisas sociais. E digo uma demanda geral, porque isso se originou provavelmente no domínio das ciências físicas e biológicas. Isso quer dizer que há um conservacionismo maior na nanociência e nanotecnologia, uma demanda para que os acadêmicos se envolvam em aperfeiçoar e aprimorar a qualidade de vida, a duração da vida, assim por diante. E essa demanda cultural pelo envolvimento nas coisas sociais espargiu sobre as ciências sociais, em tal medida e grau que, a partir dos anos 1990, as ciências sociais tornaram-se quase obcecadas pela internacionalização do sentimento de que elas possuem uma responsabilidade com a transformação social, com a melhoria da vida social. Creio que, em parte, as origens disso tudo datam do período logo após a Segunda Guerra Mundial, quando, em muitos países, sociólogos – particularmente sociólogos, mas também cientistas políticos – começaram a integrar e influir em políticas públicas, no governo e na organização das sociedades, ou como conselheiros ou como responsáveis de fato por várias agências públicas de demografia, de saúde, de educação etc.

Então, pessoas treinadas em ciências sociais se tornaram poderosas e responsáveis. Indiretamente isso criou um mercado, a medida em que mais e mais pessoas egressas das universidades eram empregadas nessa linha de trabalho. A universidade começou a treinar pessoas nesses domínios e, portanto, a noção de investidora e envolvimento na intervenção pública, baseada na reflexão, motivou cientistas sociais – que conduziram estudos sociais e, conseqüentemente, se equiparam de informações privilegiadas – a participarem dos sistemas de governo. Por sua vez, isso também resvalou, teve um efeito, em certa medida, sobre quem fazia pesquisa fundamental. A questão que eu levanto é: onde estão os limites? Creio que uma possibilidade é que toda área da ciência social se tornou atormentada, consumida, dominada pela preocupação com a relevância – melhoria social, transformação social. Certamente vocês leram, nos últimos anos, muita coisa sobre engenharia social, e assim por diante. E esse movimento em direção à engenharia social, creio, está gradualmente crescendo na consciência das pessoas nas ciências sociais que estão de fato trabalhando com pesquisa fundamental. Por isso, podemos ver o conceito de tecnologia social se tornar difundido na pesquisa de ciência social e eu pessoalmente acho que, a longo prazo, isso pode ser prejudicial, porque o conceito de tecnologia social é... bem, é a reorganização da sociedade pela ciência, e não estou particularmente convencido, como muitos, de que uma reorganização da sociedade por meio de uma cientificação seria benéfica. Quando os cientistas sociais falam sobre sociedade para cientistas, ao invés de falarem para a sociedade – observem que são os próprios cientistas que falam isso,

pessoas como Gibbons, Lewontin, Leydesdorff, Etkowitz, Richard Nelson etc. – eles dizem que a sociedade não deveria mais ser dominada pelos cientistas, mas são eles próprios cientistas que estão defendendo isso. Há algo um tanto contraditório nisso. Bem, na minha opinião, alguma informação científica poderia ser usada apropriadamente para informar os cidadãos sobre as possibilidades do estado da sociedade, mas os cientistas deveriam manter certa distância da tomada de decisão, por um lado, e, por outro, eu não gostaria de ver uma diminuição da pesquisa fundamental nas ciências sociais. Isso implica em dizer que as ciências sociais não deveriam se tornar mais presas à pesquisa de engenharia social ou à tecnologia social da sociedade.

Carla Bernava: Quando entrevistado pelo professor Mariconda no ano passado, o senhor destacou como imagens parecem ser importantes para alguns nanocientistas. Pensamos que, logo de início, ela foi essencial para o desenvolvimento da nanociência em si, mas, naquela ocasião, o senhor falou sobre a influência das imagens artísticas na remodelação de diferentes substâncias e componentes. O senhor vê uma conexão possível entre a predominância da visualidade no mundo contemporâneo e a importância atribuída às imagens por nanocientistas, como Simmond, citado então pelo senhor?

Terry Shinn: Conforme desenvolvo minha pesquisa sobre nanotecnologia, observo cada vez mais a complexidade da representação e, embora esteja convencido de que a imagética é fundamental, inclino-me a dizer que ela tem um papel restrito na nanotecnologia. Durante quase todo o século XIX e os dois primeiros terços do século XX

as imagens eram fundamentais, mas eram imagens feitas pelos homens, eram artefatos da observação visual, ao invés de imagens produzidas tecnologicamente. Essa é uma boa questão. É interessante notar que a imagética tecnológica na ciência começou realmente a se desenvolver no fim dos anos 1980 e nos anos 1990, como consequência de novas pesquisas tecnológicas e da computação – o papel dos computadores – e sabem onde isso originalmente apareceu? Na indústria cinematográfica.

Carla Bernava: Sim, em filmes de ficção científica.

Terry Shinn: Exato. Corretíssimo. Então, saímos da ficção-científica para a ciência.

Carla Bernava: É. Interessante, não?

Terry Shinn: Então, talvez, toda ciência seja ficção (risos). Bem, suponho que eu seja um tanto – parcamente – cético quando ao impacto da imagética, *per se*, na ciência atual – não as imagens, mas a imagética, na acepção mais forte de ícone. E observo o fato de que há uma persistência em muitas outras formas de representação como formas de gerar inteligibilidade e técnicas de comunicação na ciência. Representações mais clássicas, como informação espectral e informações desse tipo. O que é absolutamente fascinante na ciência, em termos da imagética, são as imagens produzidas por especialistas em simulação, porque as simulações são baseadas em valores que, então, são calculados e correlacionados por computadores e as informações resultantes podem ser exibidas de inúmeros modos, como valores – numéricos – ou curvas, e assim por diante. Hoje, porém, elas geralmente são expressas como imagens e

essas imagens, baseadas em experimentações simuladas, são então ordenadas em relação àquelas tiradas com dispositivos orientados por tecnologias de pesquisa. E é possível ver uma imensa correspondência entre esses dois conjuntos de imagens. Em alguns casos, elas podem quase se sobrepor uma à outra. Será que nesse caso a inteligibilidade está sendo guiada por imagens? E a resposta pode ser que sim. E se for, se essas imagens forem de sobremaneira importantes para a ciência, então isso é uma mudança fundamental na ciência, por um lado, e implica em um tipo mudança epistemológica. O que é interessante é que não apenas a imagem se torna dominante, mas as cores também. Em um dos estudos com minha colega Anne Marcovitch, em nanotecnologia, o laboratório que estamos estudando em Paris está competindo com um laboratório no Japão. Ambos criaram um dispositivo muito similar e ambos trabalham em um mesmo problema. Há um ano que acompanhamos os pesquisadores do laboratório francês bem de perto. Eles geraram seus primeiros resultados e prepararam um artigo, cujos resultados eram representados na forma de imagens, usando as mesmas cores específicas com que a equipe japonesa publicou seu trabalho – uma semana antes dos franceses enviarem seu artigo para a *Nature*. São imagens idênticas, cores idênticas. Então, uma das questões que nos perguntamos foi: qual é a função da cor nas imagens? Em um nível antropológico – um nível antropológico inconsciente – as cores significariam algo em termos de inteligibilidade do mundo físico? Será possível que certas cores com referência a, digamos, níveis de energia, signifiquem algo? Ou em termos de temperatura? Ou de

rugosidade da superfície? Bem, Goethe, no começo do século XIX, formulou o mesmo argumento: ele tentou relacionar o uso da cor em representações pictóricas da progressão física como veículo para expressar a dinâmica de eventos. Minha colega, Marty Farge, na França, seguiu esse trabalho no final dos anos 1980 e começo dos anos 1990 e chegou à conclusão de que não apenas a imagética é essencial, mas também as cores na imagética. E achamos que pode haver algo nessa alegação – somente como hipótese e estamos perseguindo isso – de que antropológicamente, como espécie, que não só as imagens tornam o mundo particularmente inteligível, mas que há um componente de cor na inteligibilidade da imagem. Imagética é fundamental, mas pode ser mais limitada. Precisamos de mais trabalho empírico nisso. Gostaríamos de trabalhar mais empiricamente aqui em São Paulo, mas... vocês nos mantêm trabalhando tanto em artigos (risos), que não tivemos tempo para realizar o trabalho que queríamos nas suas bibliotecas científicas, então faremos isso em Paris.

Bruna Gisi: A noção de pós-modernidade sempre foi controversa. Em seu artigo intitulado “Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento”², o senhor apresenta a noção de “pós-pós-modernidade”. Que tipo de resistência, ou reações, o senhor imagina que essa noção irá suscitar e o que o conceito de matriz de entrelaçamento introduzido nesse artigo

² *Scientiae Studia* – Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência, vol. 6, n. 1, jan.-mar. 2008, pp. 43-81.

pode revelar sobre a contemporaneidade das relações de poder, por exemplo, na globalização?

Terry Shinn: Isso é muito interessante. Está bem claro que, na sociologia em geral, há um interesse crescente entre os pesquisadores sobre as interações trans-fronteiriças. Isso implica dizer que a filosofia modernista de delimitação, de encerramento, de hiper-diferenciação, da prática exclusivista não é mais o foco da sociologia. A pós-modernidade cresceu muito na direção oposta, como sabem, mas há um grupo de sociólogos que aceitam a noção de campo. Eu uso a noção de regime ou referente, Andrew Abbott usa a noção de ecologias. E um número crescente de sociólogos está procurando compreender sociologicamente como as pessoas se movem entre fronteiras, como regimes, referentes, campos e ecologias interagem uns com os outros, embora permaneçam inalterados ou fundamentalmente inalterados. Abbott usa a noção de um domínio ecológico, eu uso a noção de um referente, ou um regime, e exploramos como as pessoas atravessam essas fronteiras, como voltam a seus referentes originais, como impactam suas ecologias vizinhas e assim por diante. A mim parece que o domínio não das ciências sociais, mas da sociologia, se preocupa cada vez mais com a questão da circulação, como a circulação nutre cada referente ou ecologia, campo ou regime, com as dificuldades de cruzar as fronteiras, com a dificuldade de cruzar de volta as fronteiras... Abbot usa a noção de dobradiças. Indivíduos de diferentes ecologias desenvolvem o que ele chama de dobradiças e elas permitem a comunicação e a sinergia. E, para voltar à sua pergunta anterior, creio que essa noção de sinergia

precisa ser explorada em maior profundidade. O que é interessante é que mecanismos como entrelaçamento – e sugiro três categorias de entrelaçamento: sobreposição, co-mistura e inserção – essas categorias de entrelaçamento permitem que a ecologia ou o referente, o regime, sua própria autenticidade funcional histórica, permitem que ele permaneça trans-historicamente auto-identificado. Mas ao mesmo tempo, deixam espaço para transformação. É isso vai além de Bourdieu, que estava interessado apenas nas operações internas do campo, e de [Numan], que estava interessado na dinâmica interna da transformação de subsistemas. Então, creio que o entrelaçamento é parte integrante da transversalidade, da transposição de fronteiras e, para usar a linguagem de Andrew Abbott, das dobradiças.

Eduardo V. Bonaldi: Professor, podemos voltar à segunda pergunta? Se estiver bem para o senhor...

Terry Shinn: Sim, claro.

Eduardo V. Bonaldi: Então, quando o senhor explicou a diferença entre sua abordagem e a de Bourdieu, falou sobre a questão dos campos, certo? Como Bourdieu não explorou muito a possível interconexão entre campos. Eu achei isso muito interessante porque no começo do ano passado o professor Lebaron esteve aqui e chamou a atenção para a mesma questão, a mesma ausência no trabalho de Bourdieu. Mas continuo curioso, porque o senhor disse que concentra seu trabalho na agência, na ação. Bem, poderia se dizer que Bourdieu tem o conceito de habitus, o qual nega uma oposição radical entre estrutura e agência, que aproxima estrutura de agência. Então, como o senhor

se posiciona em relação a isso, seu foco em agência e a ideia de *habitus*?

Terry Shinn: *Habitus* é um componente, e um componente muito importante do campo. Simultaneamente existem mecanismos subjacentes que, me parecem, em certa instância, sobrepõem o *habitus*. Então, é necessário admitir, e faço isso sistematicamente, a importância do *habitus*. Creio que ele pode coexistir, proveitosamente, com a agência. Uma das características interessantes da agência, me parece, é seu potencial de operar além de campos, além de regimes, além de referências, além de ecologias e é por isso que ela precisa sem

dúvida ser retida. É um estabilizador. Porque, para mim, a importância do *habitus* é a sua característica que é variável, é característico de cada referente, de cada ecologia, porém, simultaneamente temos preocupações transversais, sistemas transversais que precisam ser levados em conta e, creio, que o são necessariamente pela agência.

Carla Bernava: Professor, muito obrigado pelo seu tempo e por sua paciência para conosco e para com a *Plural*.
Agradecemos muito.

Terry Shinn: De nada, foi um prazer.